Correio da Manhã

Circula em conjunto com: CORREIO PETROPOLITANO e CORREIO SUL FLUMINENSE

#cm2

TERÇA-FEIRA

‘Um Poeta’ eleva patamar do cinema colombiano

PÁGINA 3

Jesuton faz a diáspora em movimento no álbum ‘Hoje’

PÁGINA 5

Brasil perde Berta Loran, dama do humor, aos 99

PÁGINA 8

Divulgação

Os vinhedos do Vale Douro são encrustados nas montanhas da região banhada pelo famoso rio que cruza o norte de Portugal

Portugal como você nunca provou

Evento reúne mais de 30 produtores lusitanos com rótulos nunca antes degustados no Brasil

Por **AFFONSO NUNES**

A vitivinicultura portuguesa desembarca no Rio com uma seleção de rótulos completamente inéditos no mercado brasileiro. Nesta sábado (4), o Clube Monte Líbano, na Lagoa, recebe a 13ª edição do Vinho & Sabores de Portugal. A edição deste ano promete surpreender até os paladares mais experientes com vinhos que jamais cruzaram o Atlântico rumo ao Brasil, representando a riqueza de uma das tradições vinícolas mais tradicionais do mundo.

Portugal possui mais de 250 variedades de uvas nativas, muitas exclusivas do território lusitano, cultivadas em terroirs que variam desde o clima atlântico úmido do norte até o mediterrâneo seco do sul. Regiões emblemáticas como Douro (berço do Vinho do Porto), Vinho Verde (conhecida pelos brancos frescos e ligeiramente efervescentes), Dão (produtora de tintos elegantes baseados na Touriga Nacional) e Alentejo (famosa pelos tintos potentes e maduros) demonstram a diversidade impressionante da viticultura portuguesa. A combinação única de castas autóctones como Alvarinho, Touriga Nacional, Baga e Encruzado com métodos tradicionais - incluindo pisa a pé em lagares de granito e fermentação em talhas de barro - e técnicas contemporâneas sustentáveis posiciona Portugal como uma das regiões vinícolas mais interessantes do planetamundo, conquistando crescente reconhecimento internacional pela excelente relação qualidade-preço e autenticidade que diferencia o país no cenário vinícola global.

Continua na página seguinte

Divulgação

Localizada em Torres Vedras, a oeste de Lisboa, a Quinta da Cidadoura produz vinhos desde 1309

Passeando por **sabores e aromas**

Mais de trinta expositores portugueses apresentarão pessoalmente suas produções, representando diversas regiões vinícolas como Lisboa, Dão, Trás-os-Montes, Vinho Verde e Tejo. Entre os destaques está o vinho orgânico de Julia Kemper, elaborado na prestigiosa região do Dão. A trajetória de Julia começou no início do novo milênio, quando a advogada bem-sucedida foi chamada pelo pai para uma conversa que mudaria completamente sua vida. António Melo queria passar à filha a missão de continuar o legado familiar na agricultura do Dão, onde mantinha a Quinta do Cruzeiro, em Oliveira-Mangualde.

Após recusar a herança em outras oportunidades, Julia decidiu abraçar a ideia em 2003, transformando-se de advogada em agricultora e iniciando o que ela própria define como "uma das mais belas experiências que é possível ter", conforme declarou ao jornalista Alexandre Lalas, da revista Gula. Desde então optou pela agricultura biodinâmica. "Nem me passou pela cabeça não tratar a minha terra como o fazia com a minha família: biodinamicamente", costuma dizer Julia Kemper. "As nossas vinhas passaram a ser prados onde toda a vida labora, para me ajudar a produzir as melhores e mais saudáveis uvas para vinho", completa a produtora.

A Quinta da Cidadoura, criada em 1309 em Torres Vedras, a oeste de Lisboa, trará uma proposta inovadora ao apresentar sua combinação entre as uvas Syrah e Castelão, esta última conhecida no Brasil como Periquita. Outra novidaee interessante da degustação será treazida da Quinta da Casa Boa, próxima a Lisboa. Seu Anfíbio é um tinto que passa por um processo único de maturação subaquática nas águas frias do Atlântico português. Essa técnica inovadora, que vem ganhando adeptos em diferentes regiões vinícolas mundiais, confere características sensoriais distintivas ao vinho, resultado da pressão constante e das baixas temperaturas oceânicas que influenciam a evolução dos taninos e a integração dos componentes aromáticos.

Os vinhos brancos também terão protagonismo especial, particularmente através de uma experiência comparativa entre diferentes estilos de Alvarinho produzidos fora da tradicional região dos Vinhos Verdes. Essa degustação permitirá aos participantes compreender como a mesma variedade pode expressar características completamente distintas quando cultivada em diferentes terroirs.

Divulgação

Advogada e agora vinheteira, Julia Kemper apresenta os rótulos biodinâmicos de sua Quinta do Cruzeiro, localizada em Oliveira-Mangualde (Dão)

A gastronomia lusitana complementará a experiência vínica através de iguarias preparadas por estabelecimentos especializados do Rio. A Tasquinha do Portugal apresentará uma seleção de pratos tradicionais que incluem croquetes de alheira - embutido típico do norte de Portugal -, pataniscas de bacalhau preparadas segundo a receita clássica e arroz de pato gratinado à moda de Guimarães, especialidade minhota que combina arroz, pato desfiado e chouriço. A Canastra Shop contribuirá com uma curadoria de produtos artesanais portugueses, oferecendo queijos de diferentes regiões, embutidos tradicionais e azeites extra-virgem de qualidade superior. Completando a experiência gastronômica, o Pedacinho de Portugal trará doces conventuais lusitanos, perpetuando receitas centenárias desenvolvidas nos mosteiros portugueses e que representam uma das tradições mais refinadas da doçaria ibérica.

O evento acontece em um cenário privilegiado, com vista para a Lagoa Rodrigo de Freitas e o Cristo Redentor com música ao vivo e ambiente descontraído.

"Portugal tem se consolidado como a principal origem de vinhos europeus no Brasil. Trazer essa riqueza para o Rio é uma forma de estreitar laços históricos e afetivos", afirma Alfredo Rente, diretor do Grupo Opal, co-realizadora do evento. "Traze mais de 30 produtores portugueses é, além de uma ponte entre culturas, um presente para os amantes do vinho. Unir o melhor da vitivinicultura lusitana com a beleza e energia do Rio é a receita perfeita para uma experiência inesquecível", completa Marcelo Copello, diretor do Grupo Baco Multimídia, também co-realizadora.

SERVIÇO

13º VINHO & SABORES DE PORTUGAL

Clube Monte Líbano (Av. Borges de Medeiros, 701, Lagoa)
4/10, das 16h às 20h
Ingressos pelo Sympla
Informações: @ vinhoesaboresdeportugaloficial

Havia uma Colômbia no **meio do caminho**

Vencedor dos Horizontes Latinos de San Sebastián, 'Um Poeta' põe a Colômbia no epicentro da temporada cinéfila e ruma para o Oscar, representando seu país em Hollywood

Divulgação

Ubeimar Rios, ator não profissional, brilha no colombiano 'Um Poeta'

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Fazia tempo que a Colômbia não arrasava os quarteirões das premiações do cinema mundial do modo como faz em 2025 com "Um Poeta", vencedor da competição Horizontes Latinos de San Sebastián no último sábado. De maio até agora, quando ganhou o Prêmio do Júri na seção Un Certain Regard de Cannes, seu currículo de conquistas já soma umas sete vitórias e um mar de críticas elogiosas.

Não por acaso, há duas semanas, em meio ao anúncio de "O Agente Secreto" com nosso representante para a apreciação da Academia de Hollywood, um dos votantes que selecionaram o thriller de Kleber Mendonça Filho, o produtor Rodrigo Teixeira, de "Ainda Estou Aqui", citou a fita colombiana com distinção. RT afirmou que, este ano, numa maré distinta daquela na qual o fenômeno popular de Walter Salles surfou, há outros países latino-americanos além do Brasil com títulos fortes e destacou o tal hermano. Simón Mesa Soto é o diretor por trás desse longa-metragem filmado em Medelín que estraçalhou corações em Donostia, na Espanha, e virou uma das principais sensações hispânicas da vez.

Jorge Fuembena/SSIF

O realizador Simón Mesa foi premiado na mostra Horizontes Latinos do Festival de San Sebastián

A partir deste fim de semana, ele vai estar na Première Latina do Festival do Rio, ao mesmo tempo que as autoridades culturais da Colômbia credenciam-no para ser seu emissário em terras hollywoodianas. A seu lado estará outro título potente de nossa vizinhança continental: "O Olhar Misterioso do Flamingo" ("La Misteriosa Mirada Del Flamenco"), de Diego Céspedes, do Chile, sobre o boom do HIV numa zona de mineração.

Tem muito tempo que a Colômbia não é listada entre as sensações cinematográfica de uma temporada. Isso ocorreu com peso há dez anos, quando "O Abraço da Serpente", de Ciro Guerra, explodiu na Quinzena de Cineastas de Cannes. Em 2022, houve outra lufada de êxito vinda de lá, com "Los Reyes Del Mundo", de Laura Mora, que ganhou a Concha de Ouro, na já citada San Sebastián. No entanto, a onda de entusiasmo que "Um Poeta" gera não parece ter igual entre os acertos autorais da pátria que emplacou joias como "A Vendedora de Rosas" (1998), de Victor Gaviria.

Seria um sonho para Oscar Restrepo, protagonista de "Un Poeta", um dia ser capaz de publicar versos como os de "De Los Gozos Del Cuerpo", de Harold Alvarado Tenorio, seu conterrâneo, mais velho (hoje octogenário... e aclamado), que escreveu (na vida real) estrofes de sabedoria. Segundo ele: "A amizade, velha moeda errante, agora é oferecida por anciães, / doentes, animais, bêbados e loucos. / Nada sabem, os homens, dela: a fugitiva dos séculos". Esse é o tipo de ensinamento de que Oscar precisava no seu périplo profissional pela arte de escrever. O anseio de ser grande – no continente que gerou Gabriela Mistral, Carlos Drummond de Andrade, Pablo Neruda, Raúl Zurita, Bruna Mitrano, Meira Delmar – levou a personagem central do longa de Mesa Soto a dedicar a vida à profissão da escrita. Só não teve o cuidado de maneirar na bebida e de saber frear a língua feroz. A falta de cuidado com esses dois aspectos impediu que a sua potência virasse ato. Assim, só lhe resta lamentar.

Diferentemente do motorista de ônibus metido a Baudelaire de "Paterson" (2016), de Jim Jarmusch, que era um tipo cheio de alegria, Oscar é sorumbático. Perder é sua sina. Na trama filmada em Super 16mm pelo realizador de "Leidi" (Palma de Ouro de Curta de Cannes em 2014), Oscar (interpretado com fluidez por Ubeimar Rios, um ator não-profissional) teve a chance de lançar dois livros e de dar aulas, o que, nem de longe, aplaca seu apetite por prestígio. A obra de criadores como Alvarado Tenorio faz parte dos debates que ele tem com colegas de Letras ao mesurar o património poético de sua Colômbia, lutando mais por uns do que por outros. A pátria de Gabriel García Márquez viu brotar muitos faróis na literatura. Oscar almeja ser um. Se bebesse menos, era mais fácil chegar lá e não estaria, já quarentão, à mercê do quarto que tem na casa da mãe, rejeitado por entes queridos que poderiam amá-lo.

O verbo "desistir" é imposto pela vida a Oscar como um norte inescapável. A crença de que o poema pode levar quem escreve e quem lê à transcendência é o único combustível do seu sonho e da sua coragem. Essa gasolina parece encher também o tanque de uma jovem, Yurlady (Rebeca Andrade), que demonstra ter um talento nato para metáforas, metonímias, aliterações, zeugmas e outras manhas do vernáculo espanhol. Na Medellín filmada por Mesa Soto numa fronteira ténue do naturalismo, ela é um indício de que a chama da invenção lírica arde onde o determinismo económico impõe silêncio e ausência.

Sob a granulacão no quadro composto pelo diretor de fotografia Juan Sarmiento G., "Un Poeta" põe os lugares comuns históricos de aspereza da América Latina em foco ao mapear a construção de um projeto de parceria artesanal (entre mestre e aprendiz) num rastreio do que a euforia literária pode gerar de transformação prática. Oscar vê em Yurlady uma voz capaz de mudar os paradigmas da poesia na Colômbia. Nela existe virtude estética e a vivência singular das angústias da escassez. A questão: talvez ela só queira ser uma adolescente que faz as unhas enquanto curte, suavemente, o passar dos dias. Para a dinâmica cultural do assistencialismo, ela é um prato cheio para bolsas, projetos de incentivos, verbas públicas. Para Oscar, ela é a projeção do que ele não chegou a ser.

Com delicadeza e cirúrgica mirada sociológica, Mesa Soto foi premiado ainda em Lima, em Monique e em Melbourne. Pedra alguma parece estar em seu caminho.

CORREIO CULTURAL

Divulgação

Zeca com Cristiane Simões e Fernando Cabral, da Sony

Zeca Veloso assina com a Sony e prepara álbum de estreia

Conhecido pelo hit "Todo Homem" em parceria com o pai Caetano Veloso, Zeca Veloso assinou contrato com a Sony Music e prepara o lançamento de seu primeiro álbum autoral. O trabalho terá dez faixas e deve chegar às plataformas digitais até dezembro.

Será o primeiro projeto do artista em três anos. "Todo Homem" já acumula mais de 55 milhões de reproduções e rendeu ao músico uma apresentação especial ao lado da banda Coldplay em show no Rio.

Zeca demonstra entusiasmo com a colaboração e promete "criar algo realmente especial" para consolidar sua identidade artística com composições próprias.

Palavra acesa

O Museu do Amanhã recebe nesta terça (30), às 17h, a o "Sempre um Papo – Palavra Acesa". José Miguel Wisnik e Flávia Oliveira debatem o poema "No Meio do Caminho", de Carlos Drummond de Andrade. Mediação de Sérgio Abranches. Grátis

Palavra acesa II

O projeto propõe reflexão coletiva sobre poesia contemporânea, criando pontes entre palavra, pensamento e sociedade através de textos emblemáticos da literatura brasileira. A cada encontro, um poema funciona como centelha para o debate.

Mundo tattoo

O Festival Planet Tattoo reúne neste fim de semana no Parque Olímpico mais de 900 artistas nacionais e internacionais em 450 estandes. Evento oferece sessões de tatuagem, piercings, batalhas de estilos e apresentações de DJs.

Mundo tattoo II

Durante o evento, a micropigmentadora Joyce Dosh vai oferecer gratuitamente procedimentos de reconstrução de aréolas para mulheres que enfrentaram câncer de mama. Iniciativa integra as mobilizações do Outubro Rosa.

Divulgação

Fitti abre a temporada do programa com arranjos repaginados para as canções de seu álbum 'Transespacial', trabalho que explora um som moderno, teatral e cheio de atitude

O novo sempre vem (e virá) com Fitti

Cantor pernambucano abre temporada de programa do produtor João Marcelo Bôscoli com repertório que mescla pop alternativo e ritmos nordestinos

Por **Affonso Nunes**

O cantor Fitti inaugura a nova temporada do programa "O Novo Sempre Vem", da TV Cultura, em episódio que vai ao ar nesta terça-feira (30), às 23h30. O artista pernambucano, recentemente indicado ao Grammy Latino 2025 na categoria Melhor Álbum de Música de Raízes em Língua Portuguesa pelo disco "Transespacial", apresenta um repertório especialmente preparado para os Estúdios Trama NaCena, sob comando de João Marcello Bôscoli.

Formado nas ruas de Recife, Fitti desenvolveu uma sonoridade que combina pop alternativo, rock e elementos da música nordestina, criando um estilo teatral e moderno que o posiciona como um dos destaques da cena indie nacional. Para a gravação do programa, o músico adaptou seus arranjos para um formato mais orgânico, reunindo uma banda com guitarra, baixo, bateria e percussão.

Sérgio Chagas/Divulgação

João Marcelo Bôscoli, filho de Elis Regina, seleciona novos talentos da MPB para seu programa

O setlist inclui versões reformuladas de canções conhecidas e uma estreia oficial. "Gata Cinza" ganhou nova roupagem, mais visceral, centrada na interação entre voz e violão com sutis intervenções de guitarra. O texto "Ejá" foi apresentado de forma singular, criando um dos momentos mais impactantes da sessão. Pela primeira vez em registro oficial, Fitti trouxe "Sem Querer Pedir Demais", música até então conhecida apenas por quem frequenta seus shows ao vivo.

"É um setlist que expõe muitas das minhas ideias ao mesmo tempo que fala de amor, superação e mudança", explica o cantor. Para ele, a experiência de gravar com tudo captado em tempo real proporcionou uma atmosfera especial. "Foi um momento único, em que o espaço de experimentação e a liberdade criativa favoreceram a espontaneidade e, espero, ter conseguido alcançar meu propósito, que é criar uma conexão imediata com o público", afirma.

"Queremos que 'O Novo Sempre Vem' seja um catalisador de tudo de interessante que está sendo feito, um espaço para a música feita com respeito, qualidade, onde o artista possa se expressar com liberdade", explica João Marcelo, filho de Elis Regina (194-1982), que buscou nos versos de uma canção do repertória da mãe, o nome do programa.

Após a exibição na TV Cultura, o episódio ficará disponível no aplicativo Cultura Play e no canal Trama TV no YouTube, que também oferecerá bastidores e conteúdos extras. A plataforma digital disponibilizará ainda a coletânea "O Novo Sempre Vem, Vol. 1", reunindo um single e um vídeo de cada artista dos oito primeiros episódios da temporada.

A diáspora *em movimento*

‘Hoje’, de Jesuton, transita entre soul, afrobeat e MPB em ritual sonoro sobre o tempo presente

Por **Affonso Nunes**

A cantora Jesuton gosta de definir sua identidade artística com uma frase de efeito. “Sou diáspora em movimento. Minha voz vive em muitos lugares: Reino Unido, Brasil, Portugal, Colômbia... Sou filha do Atlântico”. Este é exatamente o espírito de “Hoje”, álbum que chegou às plataformas digitais na última sexta-feira (26) portando mensagem urgente de reconexão com o presente e com a própria força interior.

Nascida em Londres, filha de mãe jamaicana e pai nigeriano, e atualmente radicada no Brasil, a artista não se enquadra em nacionalidades específicas, preferindo habitar o espaço fluido da diáspora africana. Essa perspectiva permeia todo o álbum, que reúne colaboradores do Rio à Colômbia, de São Paulo a Angola, construindo pontes sonoras entre ritmos, línguas e espiritualidades distintas.

O processo criativo de “Hoje” reflete essa natureza nômade e orgânica. “Gravamos em várias cidades, em estúdios itinerantes, em momentos imprevisíveis. Ideias surgiram em estrada, pausas, madrugadas... Foi visceral. Dormir no estúdio. Acordar com letra nova. Regravar de olhos fechados”, relembra Jesuton.

Com dez faixas que transitam naturalmente entre soul contemporâneo, afrobeat, afropop, MPB, R&B, rap, jazz e ritmos eletrônicos, o álbum é definido por Jesuton como “um ritual moderno” que convida o ouvinte ao tempo presente com uma mensagem forte. “Acorde para o agora. Reconheça sua força. Desapegue do que te atrasa. E caminhe firme com seu eu mais feroz”, repete a artista.

As colaborações funcionam como encontros potentes: em “Feel Good”, com Slipmami, ancestralidade e presente dançam em harmonia; “Xangô”, com Rincon Sapiência, celebra o orixá através de ritmo, eletrônica e tambores; “Boy Lixo”, featuring Trevo, mistura swing baiano com deboche afiado. “Não se trata apenas de participações. Foram trocas reais, onde cada voz entrou como pilar desse rito”, enfatiza a cantora.

Divulgação

Jesuton: ‘Não foram seis anos para fazer esse disco. Foram seis anos para me tornar a pessoa capaz de fazê-lo’

“Hoje” representa uma jornada pessoal. “Não foram seis anos para fazer esse disco. Foram seis anos para me tornar a pessoa capaz de fazê-lo. As músicas chegaram prontas, mas elas pediam uma versão de mim que ainda não existia”, diz a cantora, que já conquistou reconhecimento com sua versão de “I’ll Never Love This Way Again”, alcançando 18 milhões de visualizações no YouTube. “Este não é só um álbum. É o som de um processo de tornar-se”, conclui.

CRÍTICA / DISCO / RECADO

A viagem musical pela Amazônia amapaense

Por **Aquiles Rique Reis***

Hoje trataremos do EP “Recado”, do compositor, cantor, multi-instrumentista e arranjador macapaense Paulo Bastos, mais conhecido como Paulinho Bastos. O álbum é um legítimo grito de alerta para chamar a atenção para as manifestações culturais da Amazônia e de seu povo.

Em “Recado”, Paulinho nos apresenta a vivência ancestral das comunidades negras do Amapá, expressada pela força da dança, do canto e da percussão. O EP traz convidados especiais, como Oneide Bastos, mãe de Paulinho, e sua irmã Patrícia Bastos – a família Bastos não é brinquedo, não, viu? E ainda tem mais: tem Renato Brás, Marcelo Pretto, Sapopemba, Lucina Carvalho e Skipp, reforços de peso para reafirmar a qualidade da música de Paulinho.

E todos se entregaram com fervor aos marabaixos, além dos zouks, batuques e maxixes, gêneros que ele conhece como poucos, músico experiente que é. Quem quiser, é só chegar junto para ouvir o recado que vem lá do Norte. Sacudindo a poeira e dando a volta por cima, o couro come bonito!

Aliás, o título do EP faz referência ao modo como o povo do Amapá usa a palavra “recado”: uma lembrança, uma saudação carregada de boas notícias. Assim, Paulinho nos envia o convite para conhecer a musicalidade do Amapá. Ao repertório.

O marabaixo “Ainda Índio” (Paulo Bastos) vem com caxixis

Divulgação

e pela bela voz da Patrícia Bastos. A gentil “Igarapé” (Paulo Bastos) mostra todo o seu encanto pela voz de Renato Brás, que a divide com Paulinho. Ora recitada, ora cantada por Marcelo Pretto, o marabaixo volta com “Pra Oca” (Paulo Bastos). Inspirado nas matrizes africanas, “Doce Rainha” (Paulo Bastos e Lucina Carvalho) é a minha favorita – Odoiá! –, vindo pelas vozes de Oneide Bastos e da Lucina Carvalho. Já o zouk diz presente em “Recado” (Paulo Bastos), suingue puro, que conta com a participação do cantor amapaense Skipp. E a tampa fecha com batuque e o maxixe “Eu Vim do Mar” (Paulo Bastos), rolando com a participação do ogã, percussionista e cantor Sapopemba.

Ouçam e comprovem a excelência das músicas e dos arranjos de um cara que tem no sangue a capacidade de criar belezas, enquanto louva sua terra e seu povo. O frescor que brota a cada faixa marca a alma do ouvinte que agradece e louva: salve Paulinho Bastos! Salve o Amapá! Salve o nosso país ainda carente de igualdade social para sua gente! Confira este trabalho de escelência em https://l1nk.dev/Bwa3g.

Ficha técnica

Paulo Bastos: produção, arranjos, percussões, teclado, violão e voz; Hian Moreira: captação de áudio, edição baixo, batera e teclado; Fabinho Costa: violões; Bibí Carvalho: sax e flauta transversal; Goreth Bastos, Mary Bucher (lê-se búquer) e Margarete Lazarini: vocais; Luiz Lopez: mixagem e masterização; André Magalhães: mixagem e masterização da Música “Pra Oca”; Skipp: design gráfico e capa; Melissa Bastos: direção de arte.

***Vocalista do MPB4 e escritor**

Divulgação

Um olhar sobre a vida operária das Gerais, 'Arábia' redesenhou a relevância de Minas no cinema contemporâneo, num eixo além da capital Belo Horizonte

'Cinema do apenas' na TV Brasil

Fazendo justiça à sua vocação educativa, a emissora pública exibe 'Arábia', um dos maiores cults do audiovisual brasileiro na década passada, renovador da produção audiovisual mineira

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Objeto de culto com sua mirada poética sobre o realismo, "Arábia", um dos filmes de maior revelo na cartografia de afetos do Brasil nas telas da última década, vai ganhar uma vitrine das mais democráticas: a TV Brasil. Esse marco mineiro será exibido nesta terça, às 21h. Essa pérola de Minas soma 17 prêmios internacionais em seu currículo, para ampliar seu prestígio.

A dica de sua grandeza quem deu foi o escritor Luiz Ruffato, em "As máscaras singulares". Em sua poética, as Gerais ganham um peso mítico, assim como na cinemática de seus conterrâneos de Minas, os cineastas Affonso Uchoa e João Dumans. Escreve Ruffato: "Onde quer que estejas, em teu país ou em outro, és estrangeiro: ninguém tua língua compreende. Só, o deserto de estranhas veredas percorres. Conservas, no entanto, dos primeiros anos, o albor, quando tua cidade, madrasta e mãe, teus sonhos na noite fresca velava. A grande mão que afagou-te esmaga o peito agora. Ah! Somos apenas o que somos. Apenas".

Isso aí, que a poesia do autor de "Eles Eram Muito Cavalos" desvela, define "Arábia", lançado em 2017. Ele é potente em sua decantação lírica (ainda que de um lirismo desesperançoso) do realismo. É o cinema do "apenas", isto é, da percepção das singelezas (as belas e as dolorosas). Faz a síntese poética das Gerais, lar de Ruffato, de Carlos Drummond de Andrade, de João Guimarães Rosa e de um novíssimo cinema de observação, como se vê neste ensaio sobre a andança como expressão de identidade. Vale lembrar que Dumans está lançando um novo longa. Chama-se "As Linhas Da Mão".

Perfumado à morte, pois tem como narrador as memórias de um trabalhador acidentado, que arriscou transformar suas memórias em épica, num rascunho de diário, "Arábia" abriu sua trajetória de encantamentos há quatro anos, pelo Festival de Roterdã, na Holanda – um canteiro de narrativas com instinto de experimentação formal. De lá, correu 49 mostras estrangeiras, indo de San Sebastián, a maior da Espanha, a Yerevan, na Arménia, passando ainda por Cartagena, na Colômbia, num trajeto demarcado por dez prêmios internacionais. Junte a eles cinco troféus Candango, incluindo o de Melhor Filme, conquistado no Festival de Brasília de 2017 pela saga andarilha de Cristiano, vivido por Aristides de Souza.

À exceção de um preâmbulo cheio de lirismo, todo o resto do filme de Dumans e Uchoa é uma espécie de monólogo dele, que corre em contraponto às imagens, quase como uma trilha sonora. E ela não direciona o olhar: este corre livre, como os pés de Cristiano, em sua errância quase inata. Esqueça virtudes heroicas, Cristiano é gente. É a gente: trabalha com mexerica aqui, vira metalúrgico ali, bebe com os amigos, joga papo fora, ama e se deixa amar por uma colega, num romance que condimenta sem muita pimenta seu jeito a esmo de viver.

Não há projetos ou sonhos: há deslocamentos. Cada posto é um aprendizado, para ele, para nós espectadores e para o jovem André (Murilo Caliari), que encontra o caderno de memórias de Cristiano (depois que este se machuca gravemente) no início do filme e engata a leitura, partilhando o saber do errar conosco. O maior achado: a simplicidade, argamassa com que o protagonista constrói seu mundo interior, entre perdas e ganhos.

Sem floreios ou adereços vaidosos na fotografia de Leonardo Feliciano, atenta à composição de quadros rigorosos na habilidade de sintetizar os espaços por onde flana, a câmera de Dumans e Uchoa lembra o dispositivo narrativo do mestre japonês Yasujiro Ozu ("Começo de Primavera"). Segundo Ozu, impressões imediatas traem, observações ruminadas e pacientes libertam. Os mineiros filmam assim. E, apesar de a palavra ser a bússola de nossa jornada pelas mil e uma noites de Cristiano, há muita contemplação silenciosa em "Arábia". O silêncio cumpre o papel de ser o som da reflexão, da autodescoberta, das convenções de um mundo que institucionalizou a opressão. A Minas do filme não é bucólica, não é árcade: é uma Minas operária, onde o ato de trabalhar dá subjetividade ao indivíduo.

Divulgação

'Pequeno Arsenal' conduz o público por jogo simultâneo de correspondência e boicote à performance do feminino

Padrões de feminilidade através do tempo

'Pequeno Arsenal' parte de fotografias de mulheres internadas em manicômio parisiense do século 19 para criar reflexão sobre controle do corpo feminino

As bailarinas Monique Ottati e Deisi Margarida descobriram um arquivo perturbador que se tornaria o ponto de partida para uma investigação artística profunda sobre as representações do feminino. Trata-se de centenas de fotografias feitas com mulheres internadas no Hospital Salpêtrière, em Paris, o maior manicômio feminino da França no final do século 19. Essas imagens, que documentavam supostos sintomas de histeria, revelaram às artistas como o corpo feminino foi historicamente patologizado e controlado pela ciência médica da época.

O espetáculo "Pequeno Arsenal", em cartaz no Mezanino do Sesc Copacabana, surge dessa descoberta inquietante. Com direção de Lavinia Bizzotto Cheir e dramaturgia de Carolina Nóbrega, a obra propõe uma reflexão coreográfica sobre como comportamentos considerados desviantes do padrão feminino ideal foram transformados em doença mental. As mulheres internadas no Salpêtrière eram classificadas como loucas, desobedientes ou selvagens, servindo de cobaias para a invenção de uma condição psiquiátrica que buscava domesticar corpos divergentes.

A pesquisa revelou aspectos perturbadores sobre o funcionamento do manicômio parisiense. Estúdios fotográficos foram instalados no hospital como tecnologia para documentar e reforçar hipóteses científicas sobre a histeria. As imagens não circulavam apenas nos meios médicos, sendo também divulgadas pela imprensa popular da época. "Na iconografia da Salpêtrière temos fotos em movimento e fotos posadas, utilizadas pela ciência para reforçar o que os médicos desejavam que fosse comprovado. Havia ali a fabricação proposital de uma ilusão patológica, o que escancarou ainda mais que havia um problema cênico de natureza coreográfica", explica Monique Ottati.

O corpo e o movimento eram observados como sintomas patológicos. Ataques de riso, saltos, pular e pisar descontroladamente, contorcer o corpo e perda de controle tornavam-se evidências de histeria. Tratava-se de uma doença performativa, onde mulheres podiam fingir comportamentos diante de comandos e plateias médicas masculinas. A proximidade entre histeria e dança era tamanha que algumas internas ganharam fama por suas performances como histéricas, sendo posteriormente contratadas como artistas em ambientes de entretenimento.

Para confrontar esse arquivo psiquiátrico, as criadoras desenvolveram uma estratégia artística singular. Deisi e Monique criaram um contra-arquivo reunindo fotografias de artistas mulheres dos séculos 20 e 21 que repelem, contradizem ou questionam a visão hegemônica sobre feminilidade. Entre as artistas selecionadas estão Susan Meiselas, Carrie Mae Weems, Ana Mendieta e Francesca Woodman, cujos trabalhos também servem de referência para a composição cênica.

Nos corpos das duas intérpretes, essas imagens históricas e contemporâneas ganham nova vida. Atravessadas por suas próprias histórias e sensibilidades, elas transformam o arquivo em experiência viva, fazendo das fotografias um território de invenção e reinvenção de si. "Da coleção infinita dessas imagens, captamos não só a forma — os contornos e posturas — mas também os estados afetivos, a atmosfera, as texturas emocionais que atravessam as mulheres retratadas. São memórias corporais que se insinuam: fragilidade, resistência, excesso, suspensão", destaca Lavinia Bizzotto Cheir.

A dramaturgia do movimento ultrapassa a reprodução iconográfica, abrindo espaço para imaginação, experiência sensorial e reinvenção cênica desses corpos em trânsito. O espetáculo aproveita a relação inerente entre performer e observador para tensionar as dinâmicas reveladas pelo arquivo histórico, jogando entre o ver masculino e o ser visto feminino, entre gesto espontâneo e pose, entre verdade científica e farsa da representação.

"O público do Pequeno Arsenal será convidado a arranhar a sensação de que seu modo de ver é algo 'dado', reconhecendo seu modo de ver como algo 'construído', ao se colocar diante de performers que explicitam o jogo de captura e fuga daquelas que ocupam historicamente o lugar de objetos exibicionistas de um olhar masculino", comenta a dramaturgista Carolina Nóbrega. A proposta é desnaturalizar o olhar sobre esses arquivos, deixando ver o que está fora do enquadramento sugerido.

"Quando olhamos para os arquivos da Salpêtrière é necessário desnaturalizá-lo, deixando ver o que está também fora do enquadramento sugerido. Imaginar o excesso desse corte é algo que esteve presente no nosso processo, como um acesso à ficção necessária ao trabalho", explica Deisi Margarida. As artistas levam para a cena, tanto na dramaturgia quanto na coreografia, o problema da montagem presente em toda cena e em todo arquivo, montando e desmontando-se diante do público constantemente, com figurinos e sequências que explicitam o jogo de uma farsa encenada.

SERVIÇO

PEQUENO ARSENAL
Mezanino do Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160)
Até 5/10, quinta a domingo (20h30)
Ingressos: R$ 30, R$ 15 (meia), R$ 10 (associado Sesc), gratuito (PCG)

Morre Berta Loran, **dama do humor** brasileiro, aos 99

A menina polonesa que fugiu do nazismo se tornou no Basil um ícone da comédia com mais de 70 anos de carreira no teatro, cinema e TV

Divulgação

Berta Loran optou pelo recolhimento e negava pedidos de entrevistas

Acervo TV Globo

Com Ary Fontoura, Berta Loran viveu Frosina em 'Amor Com Amor Se Paga', um de seus papéis mais marcantes nos folhetins da TV Globo

A atriz e comediante Berta Loran morreu na madrugada desta segunda-feira (29), aos 99 anos, no Hospital Copa D'Or, em Copacabana, Rio de Janeiro. A morte da veterana intérprete marca o fim de uma das carreiras mais longevas do humor brasileiro, construída ao longo de mais de sete décadas nos palcos, no cinema e na televisão. O hospital informou o falecimento através de nota oficial, solidarizando-se com familiares, amigos e fãs, mas não divulgou detalhes sobre as circunstâncias da morte, respeitando a privacidade da família.

Nascida Basza Ajs em Varsóvia, no dia 23 de março de 1926, Berta chegou ao Brasil aos nove anos, quando sua família judaica fugiu da Polônia para escapar da perseguição nazista. A mudança forçada para o Rio acabaria se revelando o primeiro passo de uma trajetória artística que atravessaria gerações de telespectadores. Seu talento para a comédia manifestou-se precocemente, influenciado pelo pai, que era alfaiate e ator amador, acostumado a se apresentar para a comunidade judaica local.

"Eu sempre fui trapalhona, traquina, sapeca, danada. Com 14 anos, botei o salto alto da minha mãe e subi no palco. Quebrei o salto e saí mancando. O povo começou a rir. E eu gostei! Pensei comigo: 'o bom é fazer rir'", recordava a atriz em depoimento ao Memória Globo, resumindo em poucas palavras a descoberta de sua vocação cômica.

Essa primeira experiência nos palcos, aos 14 anos, definiria não apenas sua carreira, mas também sua filosofia de vida, expressa em uma de suas frases mais conhecidas: "Você pode perder apartamento, joia, dinheiro, e até um grande amor – 30 anos depois, quando você o reencontra, dará graças a Deus que o perdeu. Agora, o humor não pode ser perdido. Humor é tudo na vida".

A carreira profissional de Berta teve início no teatro carioca, mas foi interrompida temporariamente na década de 1940, quando se casou e se mudou primeiro para a Argentina e depois para Portugal, onde também atuou como atriz. De volta ao Brasil em 1950, já separada do primeiro marido, retomou a carreira com renovado vigor. Sua vida pessoal foi marcada por tentativas frustradas de maternidade - engravidou duas vezes durante o primeiro casamento, mas decidiu interromper as gestações devido às dificuldades financeiras e à relação conturbada. Posteriormente, em seu segundo casamento, tentou novamente ter filhos, mas uma infecção uterina a obrigou a se submeter a uma histerectomia.

A consagração nacional veio com a televisão. Berta ingressou na TV Globo em 1966 e rapidamente se tornou presença constante nos principais programas humorísticos da emissora. Participou de marcos da comédia televisiva brasileira como "Riso Sinal Aberto" (1966), "Balança Mas Não Cai" (1968), "Faça Humor, Não Faça Guerra" (1970), "Satiricom" (1973) e "Planeta dos Homens" (1976). Sua versatilidade cômica a levou também à "Escolinha do Professor Raimundo" (1990), "Zorra Total" (1999) e "A Grande Família" (2012), consolidando-se como uma das humoristas mais queridas do grande público.

Paralelamente ao trabalho em programas humorísticos, Berta construiu uma sólida carreira em telenovelas. Participou de produções como "Amor com Amor se Paga" (1984), onde interpretou Frosina ao lado de Ary Fontoura, "Guerra dos Sexos" (1983), "Cambalacho" (1986), "Torre de Babel" (1998), "Cama de Gato" (2010), a segunda versão de "Ti-Ti-Ti" (2011), "Cordel Encantado" (2011) e "Ciranda de Pedra" (2008). Seus últimos trabalhos televisivos foram no humorístico "Vai Que Cola" (2018) e na novela "A Dona do Pedaço" (2019), encerrando uma carreira que acompanhou praticamente toda a história da televisão brasileira.

A vida amorosa de Berta foi igualmente intensa. De 1990 a 2016, foi casada com o cantor Paulo de Carvalho, relacionamento que durou 26 anos. Em 2017, aos 91 anos, surpreendeu a todos ao se casar pela quarta vez, desta vez com Claudionor Vergueiro, demonstrando sua vitalidade e capacidade de reinvenção mesmo na idade avançada.

Nos últimos anos, a atriz optou pelo afastamento gradual dos holofotes e do convívio social. Segundo o autor João Luiz Azevedo, que escreveu "Berta Loran: 90 anos de humor" (Litteris, 2016), ela recusou sistematicamente convites para entrevistas e aparições públicas. Produções como "The Noite", de Danilo Gentili, e "Sem Censura", da TV Brasil, comandado por Cissa Guimarães, tentaram sem sucesso estabelecer contato com a veterana atriz que preferiu sair de cena em discrição.